

07 JUL 1989

Basta uma ligeira leitura do noticiário de quatro estados brasileiros — Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia — para a constatação de que a problemática sanitária atinge qualquer quadrante do País.

Em Porto Alegre a população está sob ameaça de leptospirose, doença transmitida pela urina dos ratos, que na capital gaúcha totalizam 13 milhões, numa proporção de dez roedores para cada cidadão. Não são apenas os desempregados que perambulam pela vias públicas; pelas sarjetas, até das ruas centrais, os ratos, majoritários, desfilam sua ameaça.

Num município mato-grossense, Peixoto de Azevedo, a malária torna-se uma calamidade, nesta sua arrancada depois de tida como erradicada do território nacional, há décadas, no tempo do trabalho profícuo do sanitarista Mário Pinotti.

Em Belo Horizonte, os mineiros enfrentam, entre outros males, um inimigo minúsculo, o piolho, que infesta a cabeça de 200 mil pessoas. Quer dizer, cerca de dez por cento dos belo-horizontinos são vítimas da falta de higiene generalizada, sinal da miséria em sua sujeira.

Na Bahia, como de resto quase neste País todo, a meningite ataca. Fez sua sexta vítima no município de Camamu, engrossando a estatística de uma doença contra a qual existe imunizante. Não aqui, mas em Cuba, onde o ministro da Saúde procura adquirir uma partida de vacinas e, mais importante, obter tecnologia para um dia serem produzidas no Brasil.

Desesperançado e aflito por inúmeros motivos, o povo espera que alguma coisa seja feita em seu favor. Pelo menos, na questão da saúde.